

VIDA INGLESA

OS MYSTERIOS DE LONDRES

Quando o viajante chega a Londres, a sua primeira impressão, colhida através dos vidros do vehiculo que o transporta ao hotel, é a duma inninidade de casario, dum labyrintho de pardas ruas estendendo-se sem fim á sua frente, perdendo-se em largos sombrios, vazando-se como afluentes na torrente mãe das grandes vias, mergulhando ora em bairros decorosos onde não se sente o tumulto da cidade, ora em ruidosas vielas, resoando com a barbara harmonia dos realejos, o bramir dos carroceiros, o chilrear bravo da garotada e o confuso murmurio de toda a multidão.

Jantado o nosso viajante (que suppomos latino para realçar mais a copia de surpresas que o esperam) ei-lo na rua á procura da distracção do «café» a que elle está acostumado nas cidades continentaes, e onde conta fazer sua primeira apreciação pachorrenta de Londres. Debalde procura em Leicester Square, em vão corre Piccadilly; em Londres não ha «cafés», nem os mil e um divertimentos baratos que Paris ou Vienna offerece ao forasteiro tresnoitado. Se elle é perspicaz e rapido observador (supponhamos lisboeta) em breve chega á desoladora conclusão de que a capital inglesa não tem propriamente vida de ruas, sendo ellas estritamente vias, e «meios para o fim» dos affazeres ou divertimentos individuais de cada cidadão.

Refugia-se o pobre num animatographo, onde assiste ao tedioso desenrolar duma das trinta e duas aventuras dum heroe americano com cara de manceba. E quando recolhe ao hotel, depois de se perder duas vezes — suppondo que não tem a infausta temeridade de experimentar o comboio subterraneo, porque nesse caso é provavel que não chegue a casa essa noite — sente-se cansado do barulho, de vêr tanto estranho; e

sobretudo não pode reprimir o sentimento de que Londres não se lhe mostrou hospitaleira, não o ajudou a vencer a sua nostalgia de viajante.

Na verdade, esta cidade não acolhe bem os recémchegados, e ha mesmo quem se demore meses e annos nos seus precinctos sem conseguir penetrar o veu dos seus mysterios, nem ser admittido á sua intimidade. Tudo em Londres, exteriormente, repelle o nosso lisboeta acostumado ao convívio português e aos deleites faceis do Rocio e da Avenida. Não me refiro a Londres faustuosa — ás sumptuosas ceias nos hotéis da moda, aos camarotes (que custam quatro guineos), aos clubs nocturnos, cujas despesas não teem limite. Ahi o estrangeiro encontrará divertimentos tão luxuosos, tão insipidos e precisamente eguaes aos que qualquer capital proporciona á classe cosmopolita dos muito ricos.

Mas ao viajante remediado, que vem a Londres em viagem de negocios ou de estudo, todas estas distracções estão interdictas, e o triste, depois de visitar, como a praxe prescreve, a Torre, o Museu Britannico (donde sahe com o espirito turvado e as pernas derreadas), depois de dar umas voltas pelos parques, de ter contemplado boquiaberto a incrível fealdade dos monumentos publicos, depois enfim duma olhadela geral ás maravilhas da capital, roga uma praga cadenciada, e regressa á sua terra, onde se apressa a escrever um volume de impressões, estigmatizando Londres de velha, insolita, repellente, feia, suja, tonta e aborrecida.

E eu, que bem me lembro — com um arripio — das minhas primeiras semanas nesta cidade, quando vagueava com tédio infindo pelas desertas ruas de West Kensington, contemplando invejosamente as mudas habitações, cortinadas e cerradas a um estranho como eu, venho agora trazer aos meus patricios novas daquella outra Londres, que pouco a pouco se foi patenteando á minha vista assombrada, me árroubou as affeições, e me acceitou finalmente como seu cidadão encarecido.

Na mythologia irlandesa ha uma lenda da terra dos Shi, povo invisível que habita um mundo invisível comprehendendo o mesmo espaço que o actual. Em certas occasiões, mortaes ha que, sem saberem como, passam para essa terra encantada. Tudo parece o mesmo, mas o ceu tem um brilho desusado, o ambiente é mais benigno e acariciador; os prados são mais viçosos, as flores mais perfumadas:

Wonder and Beauty our own courtiers are,
Pressing to catch our gaze.

e a mente é exaltada é comprehensão das eternas bellezas que a rodeam.

Assim é Londres, mais velada do que Lhasa nas neves do Thibet. Romper o seu segredo é compenetrar a sua espantosa belleza, ser iniciado nos seus mysterios; receber, enfim, o verdadeiro «Freedom of the City» similhante áquella honra municipal que ella confere aos cidadãos que deseja agraciar insignemente.

Longe de ser artisticamente feia, Londres (reparem-no com surpresa) é em primeiro lugar um vasto panorama de cor e formas bellas. Mas a sua belleza esthetica é de conjunctos felizes e não de primores individuaes, pois raros edificios ou monumentos tem que em si sejam perfeitos. A cathedral de São Paulo, por exemplo, não nos encanta como architectura, senão como valioso elemento de composição. Seu valor real só se aprecia quando avistamos, duma ponte do Tamisa, a sua cupula enevoadá erguendo-se magestosamente sobre a massa confusa e escura da cidade.

Outrosim convem frizar que o espirito de Londres é essencialmente «gothico», e a primeira coisa que o latino tem de fazer é esquecer-se das formas rectilineas introduzidas pela «estúpida Renascença» e que se manifestam na nossa epocha nos *boulevards* continentaes, nas nossas tão louvadas Avenidas. É forçoso desaprender os ideaes do «imponente», «grandioso» «soberbo» e os demais termos applicaveis á Real Basilica de Mafra, ou ao Palacio da Opera em Paris, pois Londres, na sua grandeza, é ainda humilde e intima. O culto systematico do parallelepipedo como supremo padrão artistico só muito ultimamente foi introduzido nesta cidade, e onde tem sido — no Kingsway ou no que era antigamente a graciosa Regent Street — Londres perdeu o seu verdadeiro character, tornando-se apenas mesquinha imitação de Nova-York.

Quando digo que a cidade é «gothica», refiro-me ao «espirito» e não á «letra» deste termo; á disposição medieval das ruas, ao agrupamento das casas, á ausencia de talhões regrados, e não ao estylo architectonico dos edificios, que longe de ser ogival é, quando muito, «georgico» ou seja do seculo XVIII, dos tempos ponderosos dos Eleitores de Hanover. Londres cresceu ao feliz acaso, aquí um bairro, allí outro, e aos boccados tem sido remendada. Nunca foi «Hausmanisada» ou, como nós diriamos, «Pombalisada», e a essa feliz circumstancia deve o seu presente character extravagante. As ruas correm em todos os sentidos, unidas por beccos e vielas. Inesperadamente desembocam em vetustos e carcomidos largos — com seus jardins ao centro, sómente franqueados aos moradores; ou conduzem-nos ao adro de velhas igrejas, dum gothico abas-

tardado e grotesco; dão azo, enfim, a innumeras descobertas, o que as torna vias ideaes para o passeador meditabundo, cujo deleite é perder-se por estes caminhos da cidade. Pausamos para contemplar qualquer perspectiva inesperada — um jardim florido na moldura dum portal providencialmente aberto — ou estacamos defronte dum velho palacio, reliquia duma epocha faustuosa, mas agora tristemente degenerado. Que multidão de scenas não suggere aquella gasta fachada de tijolo e pedra cinzelada! Por mais dum seculo assistiu ás peripecias da vida elegante da capital; desde as estroinices dos «veados» da Regencia (como se designavam os peraltas da primeira decada do seculo passado), ás scenas empoadas do anterior — quando, recolhida «minha senhora» a casa, de qualquer festa em Kensington ou nos jardins de Renelagh, os lacaios que haviam escoltado a cadeirinha apagavam os archotes nos extinctores de ferro que ainda se projectam dos lavores do portão. Mas a imaginação não pára ali; continuando a nossa perambulação vamos recordando a Londres galante e brigã dos Stuarts (o palacio data decerto do seculo xvii) tão brilhantemente delineada nas comedias do Congreve e de Wycherley. E olhando ainda mais atraz — talvez nossos passos errantes nos levassem sob o velho arco dos Cavalleiros de S. João de Jerusalem, ou ao largo da Cartuxa — perdemo-nos na contemplação remota de Londres catholica, hoje quasi obliterada.

Como diziamos, um passeio em Londres rende sempre farta colheita de impressões; e não conduz apenas a lucubrações historicas, mas tambem a perpetuas descobertas de instituições ainda florescentes. Talvez topemos com um alfarrabio até então desconhecido ou uma taberna desencantada sob o signo medieval de «Toiro e Cancellá» ou de «Adão e Eva». Pesquisando numa rua sombria desvendamos, com grande jubilo nosso, a séde dalgum club extravagante, como o da «Antiga Ordem dos Bufalos», cujas actitvidades ha muito conheciamos, mas cujo paradeiro ignoravamos; ou porventura a redacção — modestamente installada num terceiro andar — de qualquer revista esoterica, digamos o *Arauto do Quinto Imperio*, já que a phantasia dos interesses secretos de Londres não tem limite.

Mas a attracção desta cidade não é só psychologica, é tambem esthetica. O artista — talvez mais ninguem, certamente não a grande massa dos cidadãos — extasia-se continuamente perante os riquissimos mas brandos tons que o perpetuo veu de neblina (tão asperamente criticado pelo estrangeiro) faz resahir do tijolo denegrado; perante as encantado-

ras perspectivas que são como levíssimas aguarellas no horizonte das ruas. Onde o olhar incauto não vê senão o pardo monotono, vê elle quentes, os esbatidos, roxos, azues, ocre e côr de rosa. Mais ainda; Londres é um verdadeiro campo de treino para o artista, pois o baixo tom das ruas faz realçar, como sombria moldura, qualquer mancha de côr viva, como por exemplo um lugar de fructas, um marco de correio, ou o traje garrido duma transeunte. Em virtude desta extrema economia de dolorido, a vista aprende a apreciar as suas mais ligeiras manifestações e por consequencia a arreigar-se mais profundamente no estudo geral de côr, em flagrante contraste do que succede nos paizes meridionaes, onde o ceu rutilante e o viço das côres tendem, pela propria prodigalidade, a confundir os sentidos e a torna-los menos perceptíveis.

Passando á analyse do povo de Londres, esbarro logo com a dificuldade —que aliás se faz sentir em todo este ensaio— de descrever tão vasto assumpto em espaço tão limitado. Seria como os escriptores fradescos do seculo dezasete que, ao emprehenderem uma Historia de Portugal, haviam de começar pela Creação do Mundo, com o resultado de que a morte os arrebatava antes de chegarem aos principios da Monarchia. Bastará aqui dizer que esta raça de londrinos é tão pittoresca e tão variada como a propria cidade, e como ella surprehendente e mysteriosa. Eu tenho uma theoria particular de como se poderiam illustrar as *Mil e Uma noites* e os *Contos dos Irmãos Grimm* sómente com actuaes typos londrinos, colhidos —ao cabo de rugas perspicazes— das vielas de Shoreditch, dos beccos de Bloomsbury, e de quantas outras regiões de Londres. Pois não encontrei eu, numa tarde de domingo, um authentico *Kobbold*, com barbas e cajado; ou porventura não conheço uma loja de sapateiro onde dois gnomo, irmãos e corcovados, batem sola continuamente? Já para não citar os numerosos homens de guedelha longa, os oradores de Hyde Park, as mulheres-prophetas, emfim o vasto regimento de typos curiosos e phantasticos que nesta capital perseguem —alheios a todo o sentimento do ridiculo— os objectivos da sua feroz individualidade.

O nosso espirito alfacinha, dominado pela paixão magna duma politica parochial e portanto antipathisando com manifestações de extrema individualidade, não pode sequer conceber os reconditos interesses que esta sociedade alimenta e que lhe dão aquelle cunho de excentricidade que tanto intriga ao continental. Não fallo agora de extravagancias religiosas de Hyde Park, nem dos cultos estheticos de Golders Green, e muito menos das manias consagradas das corridas dos cavallos, do *golf* ou do

enfadonho *bridge*. Quero antes cantar os brandos *hobbies* —palavra que não se traduz— que divertem as horas vagas da mór parte dos cidadãos, especialmente aquelles que pela natureza de seus misteres pareceriam menos dispostos a semelhantes divagações. De facto, é entre os commerciantes sizudos e lojistas —tanto patrões como empregados— que se vão encontrar as mais phantasiosas diversões. A velhada dos escriptorios (isto é veridico) celebra entre si concursos de cultura de cravos e amores perfectos, e torneios de xadrez; e á parte destas actividades em commum, cada qual se dedica ou á pesca, ou a longos passeios a pé, a mergulhos hygienicos no Sepentina mesmo nas mais geladas manhãs de inverno (a sua delicia é ter de quebrar o gelo), e á navegação scientifica de barquinhos á vela. Sustentam ao mesmo tempo as mais enraizadas theorias sobre a theologia, astronomia, geologia e quantas outras sciencias ha, alem de perserverarem piedosamente meio seculo de tradições da praça de Londres. Os novos, nesta idade de *Jazz-bands* e *motorcycles* velozes, já não cultivam tão pittoresco individualismo, mas teem ainda uma copia prodigiosa de passatempos, como o universal *football*, o subtil *cricket*, a dança (são actualmente grandes dansarinos), e os mais sobrios deleites das sociedades de debates.

O commerciante londrino sabe mesmo levar os seus divertimentos para a *city* e assim vemos na Bolsa —ó maravilha nunca assaz admirada!— um orpheon de corretores, e uma exposição annual de pinturas. Contudo, quem ousará dizer que os ingleses são levianos na sua politica, ou nos seus apprehendimentos? Sua sizudez nessa materia é proverbial. Mas é que teem em si uma scentelha de phantasia —perante a qual o latino eternamente pasma— que os leva a prezar as «pequenas humanidades» quasi tanto como os mais serios negocios da vida; á semilhança do governo chinês que, em aguda crise internacional, dirigiu uma nota ás varias chancellarias europeas fazendo lembrar que se approximava a Festa dos Papagaios, durante a qual não se poderia attender a quaesquer assumptos diplomaticos.



Que direi eu da immensidade de Londres, que é como uma federação de pequenas cidades, nutrindo mil interesses differentes, mas unidas entre si e fundidas num organismo unico por aquelle espirito urbano que caracteriza uma grande capital. Já trilhámos as suas ruas e espreitámos a vida particular dos moradores; já apreciámos as suas curio-

sidades. Resta agora contemplar, como do campanario de Westminster, a sua incrível vastidão que o horizonte nebulado não encerra. Que Mar Tenebroso de telhados fumegantes, de arruamentos, de zimborios e altas flechas! Ao leste, a Torre serve de baluarte ao velho municipio de Londres propriamente dita —hoje bairro exclusivamente commercial— no local onde os romanos alevantaram as primeiras casas nos terrenos conquistados aos charcos do Tamisa. No poente domina a cidade de Westminster, agrupada em volta da abbadia que o santo rei, Eduardo o Confessor, fez edificar no seculo XI. Mas áquém e além destas cidadellas, a capital foi-se alastrando por toda a rosa dos ventos. Galgou o rio, trepou ás cumiadas de Hampstead; envolveu, na sua marcha irresistivel, aldeias e povoações, assimilando os habitantes como povos conquistados, até constituir o vasto condado de Londres, que hoje se estende, em medida lisboeta, de Caneças ao Seixal, de Caxias aos confins de Sacavem. Cidadãos conta-os no numero de sete milhões, ou seja a população de Portugal mettida numa só cidade. Um tanto inconvenientemente, dirá o lisboeta, e na verdade assim é. Uma cifra tão aterradora só pode produzir em nós mesmos o effeito que a relação das distancias dos astros, ou do movimento dos grandes Bancos —sentimos vagamente que é demais. Parece pois norma excellente e recommendavel a estrangeiros, primeiro estudar as amenidades desta cidade e provar os seus pequenos deleites, deixando para o fim as estatisticas do London County Council.

*

Ai de nós, que vimos fallando das amenidades de Londres e da sua gloria, na epocha da sua dissolução, porque ao destino desta cidade teem melancholica applicação as linhas do poeta seiscentista George Herbert, aqui barbaramente traduzidas:

Dia tão doce, de tão calmo encanto.
Bodas da terra e do ar;
Por ti a noite verterá seu pranto,
Pois tens de findar.

De facto, a iconoclastia deste seculo anda avidamente destruindo os monumentos tradicionaes de Londres e pervertendo a sua antiga civilidade. Arrazam-se quarteirões inteiros para edificar Grandes Armazens

de Modas; abatem-se estalagens medievas para em seu lugar construir Companhias de Seguros, e não ha vandalismo que não seja justificado ante o direito divino dos grandes lucros. Como consequencia fatal deste novissimo culto, vai-se notando um relaxamento na maneira de viver dos cidadãos, que já não prezam tanto a sua dignidade burguesa, e vão descurando os solidos confortos do seu lar e de sua cozinha. Isto no meio duma complacencia geral, habilmente fomentada pelos grandes jornaes que não se cansam de compor novas toadas em louvôr do Progresso e da Democracia. E a turba, viciada por um humanismo pervertido que a impelle a blasphemar ora contra o uso do vinho ora contra o amor da patria ou qualquer outro ideal secular, entrega-se voluntariamente e com jubilo á escravidão do machinismo. A viagem diaria em combois velozes e estrepitosos, a actividade febril dos escriptorios e das officinas, são outros tantos factores que tendem a destruir, pouco a pouco, a capacidade de ponderar de juizar, tendendo além disso a induzir nas massas uma especie de nervosismo hysterico, como o barbaro excitation do predilecto *jazz* tão notavelmente reflecte.

Logo, quem ainda pretender o convivio da antiga raça de londrinos, e quizer experimentar a sua curiosa civilidade, como num romance de Dickens, tem de esquadrinhar as tocas e esconderijos da cidade, onde seus derradeiros representantes se refugiaram. Outrosim, já não é nas vias principaes que iremos procurar aquelles amaveis grotescos que davam a Londres a sua belleza tradicional. Só nos beccos, ou em qualquer rua adormecida os logramos agora encontrar, e mesmo sobre esses paira a condemnação do seculo, como me dizia ha tempo um escriptor, que em seu dia viu desaparecer ruas inteiras, que eu nem sequer conheci. Passeavamos por um bairro velho, e hoje meio arruidado, e o meu amigo chamou minha attenção para um tórto casarão de tijolo, com as paredes intumescidas e fóra de prumo. Parámos para contemplar com carinho o portão de mogno, polido pelo uso de muitas gerações; estudámos a gasta chapa de latão onde mal se decifrava o nome do morador. E o meu companheiro observou: «Aos amadores de Londres antiga digo sempre: «Quando topardes com um edificio ou curioso memorial, ou visitardes qualquer antro predilecto, fitae-o com attenção, guardae-o bem na mente, pois é provavel que já não o encontrreis quando passardes por lá outra vez».

LUIZ MARQUES

Londres, Fevereiro de 1926.